

## ATIVIDADES DIVERSIFICADAS PARA APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA:

### um olhar para além dos níveis de escrita

*Flaviana Bernardo Costa*<sup>1</sup>

*Neidyana Silva de Oliveira*<sup>2</sup>

*Adriana Leite Limaverde Gomes*<sup>3</sup>

### 3: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

**Resumo:** Compartilhamos, neste trabalho, o modo como entendemos o ensino do sistema de escrita alfabética na sala de aula, em turmas do segundo ano do Ensino Fundamental, no ciclo de alfabetização. Propomos o planejamento de atividades diversificadas contextualizadas, significativas e que atendam às necessidades específicas de aprendizagem de uma turma heterogênea. Para isso, focamos em uma avaliação diagnóstica da escrita das crianças, a fim de identificar seus níveis de escrita, mas, sobretudo, nos façam compreender suas reflexões sobre a linguagem escrita. Descrevemos uma dessas aulas com a intenção de demonstrar como ocorre essa proposta de trabalho com atividades diversificadas. Essas aulas têm o objetivo de proporcionar o ensino e a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, considerando o nível conceitual de cada criança.

**Palavras-chaves:** atividades diversificadas, características da escrita, heterogeneidade.

### Introdução

A alfabetização tem sido um desafio para educação de nosso país. Sempre com níveis preocupantes, as taxas de analfabetismo reduziram ao longo dos anos, e, em 2019, alcançou o percentual de 6,6% para brasileiros acima de 15 anos, perfazendo um total de 11 milhões de pessoas, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). No

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Brasileira, FAGED, UFC. Professor da Educação Básica do município de Fortaleza, Ceará. Contato: [bcflavi@gmail.com](mailto:bcflavi@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação Brasileira, FAGED, UFC. Professor da Educação Básica do município de Fortaleza, Ceará. Contato: [anaydien@gmail.com](mailto:anaydien@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Educação Brasileira, FAGED, UFC. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Faculdade de Educação, UFC. Contato: [adrianalimaverde@ufc.br](mailto:adrianalimaverde@ufc.br)

período pós-pandêmico essa situação se agravou, de acordo com Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o número de crianças com dificuldade para ler e escrever ampliou, passando de um percentual de 15,5%, em 2019 para 33,8% no ano em 2021. Muitas crianças com dificuldades de acesso a meios eletrônicos e a internet não tiveram acesso às aulas durante o período de ensino remoto, fato que pode ter dificultado a alfabetização de muitas crianças que se encontravam no ciclo de alfabetização durante o contexto de pandemia.

Sendo professoras do ciclo de alfabetização, essa realidade é algo com a qual nos deparamos no cotidiano da sala de aula. Sabemos que a alfabetização é importante na vida de uma pessoa inserida em uma sociedade letrada e como diz Soares (2022) é fundamental para a permanência e o sucesso escolar das crianças. Os fatores para esse insucesso na alfabetização são muitos, e, não é nossa intenção discorrer sobre eles, uma vez que nosso foco é refletir sobre a importância de uma prática pedagógica que atenda todos os alunos matriculados nas turmas do ciclo de alfabetização.

Diante de salas de aulas heterogêneas procuramos nos qualificar para atender as particularidades de aprendizagem de todos os alunos, pois corroboramos com Soares (2022, p.12), quando afirma "(...) que as crianças podem, sim, aprender a ler e a escrever nas escolas públicas."

Nesse sentido, buscamos neste relato de experiência refletir sobre o desenvolvimento de atividades diversificadas como estratégia para o atendimento da heterogeneidade presente em sala de aula, uma vez que esse tipo de atividade favorece o acesso a todos os alunos ao currículo comum.

## **2 Fundamentação teórica**

Há tempos as reflexões acerca das atividades diversificadas nos instigam em nossa prática docente, uma vez que nos deparamos, constantemente, com a realidade da sala de aula que é a heterogeneidade dos estudantes quanto os conhecimentos do SEA, no caso das crianças que frequentam turmas do Ciclo de Alfabetização.

Ao longo dos anos, a nossa experiência profissional e os estudos teóricos que realizamos em grupos de pesquisa nos permitiu inferir que o trabalho com as atividades diversificadas nos possibilita "pensarmos em um currículo comum que garanta a todos os alunos, em seus diferentes percursos de aprendizagem, práticas e estratégias diferenciadas" (ALMEIDA, 2012, p.71).

Especificamente com relação à apropriação do SEA, consideramos, em nossa prática, as reflexões e discussões realizadas principalmente por Ferreiro (2011) e Morais (2012), pois, esses autores argumentam que as crianças elaboram suas próprias hipóteses acerca da escrita, e, por viverem em um mundo letrado as suas experiências com os

escritos não se iniciam no ambiente escolar. Desta forma, quando a criança passa a frequentar a escola já possui conhecimentos prévios sobre a escrita, que devem ser sistematizados pela instituição de ensino.

Desde esses conhecimentos prévios, a sala de aula se configura como um ambiente heterogêneo. Então, por qual motivo, por vezes, elaboramos uma única atividade para a turma toda se cada aluno possui conhecimentos específicos e acessam esses conhecimentos por vias diferentes?

Atualmente, muitas são as discussões acerca de como atender essa heterogeneidade no contexto da sala de aula e uma delas são as atividades diversificadas que, de acordo com Almeida (2012, p,77) "implicam no planejamento e na execução de diferentes temas ou conteúdos de acordo com os objetivos que tem o professor. Nem sempre envolve objetivos únicos. É a utilização de diversas estratégias metodológicas".

Pensando nessa perspectiva de atender a todos os alunos a partir de um currículo comum corroboramos com Morais (2012), quando ele argumenta que devemos planejar meios para atender os alunos que estão em diferentes níveis de aprendizagem acerca do SEA.

No contexto desse trabalho, no entanto, não tivemos como ponto de partida os níveis de escrita, e, sim, as características de escrita apresentadas por cada criança da turma. São características que estão presentes nos níveis descritos por Ferreiro (2011), mas focamos nas características por apresentar de mais aprofundado as hipóteses que essas crianças construíram sobre o SEA, e, por nos permitir visualizar melhor de quais conhecimentos já se apropriaram e quais ainda precisam alcançar.

Diante do contexto apresentado relatamos que a experiência que será descrita é resultado de nossa práxis pedagógica na Rede Municipal de Fortaleza, Ceará como professoras da rede pública de ensino há 16 anos. Além da nossa prática, consideramos também as reflexões realizadas ao longo desses anos, uma vez que, a reflexão sobre a prática de ensino é fundamental para que possamos aprimorar e redefinir a prática docente. Corroboramos com as ideias de Freire (2013, p.93) que nos orienta para uma "práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação".

### **3 Metodologia**

O presente relato da experiência foi empreendido em uma escola da rede pública municipal de Fortaleza, Ceará junto a uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental.

Para fins desse trabalho, a descrição dessa experiência de atividades diversificadas para diferentes grupos de alunos está sendo considerada uma ação, dentre várias que

propomos ao longo do ano, que objetiva proporcionar o ensino e a aprendizagem do SEA direcionado para cada aluno.

O primeiro passo para o planejamento da atividade é o de conhecer a turma, e as características de escrita de cada criança. Para isso, realizamos uma sondagem para verificar como a criança registra e reflete sua escrita individualmente. A sondagem foi realizada a partir de um ditado de palavras compostas por sílabas no padrão canônico e não canônico.

Diante das escritas resultantes dessa sondagem, verificamos as hipóteses que as crianças da turma haviam construídos sobre a escrita, de modo que, após a análise dos dados dividimos a turma em quatro grupos distintos. Abaixo descrevemos as características de cada grupo identificado.

Grupo 1 - Composto por quatro crianças que já compreenderam que usam letras para escrever e são capazes de segmentar as palavras em sílabas (consciência de que as palavras são formadas por segmentos sonoros). No entanto, duas das crianças do grupo ao representar as sílabas de uma determinada palavra, as representam por uma sequência de letras e durante a leitura se esforçam para que essa sequência corresponda a uma determinada sílaba (prolongamento sonoro<sup>1</sup>). Em alguns momentos, elas representam uma sílaba por uma letra, e, em outros momentos por várias letras. As outras duas crianças realizam a correspondência fonema/grafema e controlam a quantidade de letras para representar cada sílaba, no entanto, qualquer letra serve para escrever as palavras, já que não utiliza letras pertinentes à escrita da palavra.

Grupo 2 - Composto por cinco crianças que já compreenderam que nem todas as letras servem para escrever uma determinada palavra, e usam sistematicamente uma ou duas letras para representar cada sílaba de uma determinada palavra, além de utilizarem as letras pertinentes à escrita das palavras. As vogais são as letras que mais aparecem como pertinentes, mas também utilizam consoantes pertinentes, principalmente, quando estas mantêm uma relação sonora com a sílaba a ser representada. Ressaltamos também que as crianças desse grupo antecipam suas escritas “silabando” em voz alta as sílabas antes de escrever (leitura-controle<sup>2</sup>).

Grupo 3 - Composto por sete crianças, que já percebem que uma sílaba é composta por mais de um som (unidades intrassilábicas<sup>3</sup>), e que esses sons são representados por determinadas letras (identifica alguns fonemas e relaciona os sons com as letras que os representam). Apesar desses avanços qualitativos, em alguns momentos essas crianças ainda representam uma sílaba utilizando somente uma letra e quando não sabem qual letra utilizar para grafar uma determinada sílaba pode fazer o uso da chamada “letra curinga” ou “letra recheio”, pois de acordo com Soares (2021, p.111) “reconhecem que há nas sílabas sons que não registraram, mas não sabem ainda como representá-los”.

Grupo 4 - Composto por quatro crianças que já conseguem realizar uma correspondência sistemática entre os fonemas e grafemas, embora nem sempre sua escrita se apresente de maneira ortográfica. Essas crianças estão alfabetizadas e precisam se apropriar do sistema ortográfico de escrita, compreender, por exemplo, que uma mesma letra pode representar sons diferentes, dentre outras regularidades.

Diante do contexto da turma apresentada, propomos atividades que atendessem as especificidades de cada grupo, mas que também representassem desafios que proporcionassem a consolidação de algumas aprendizagens e alavancasse outras. Desse modo, propomos uma aula dentro do contexto, que estava sendo vivenciado na escola lócus da experiência, uma vez que estava se organizando para o dia da família na escola.

Iniciamos com a apresentação da letra da canção "Família", posteriormente as crianças foram convidadas a ouvir a canção acompanhando por meio de uma cópia do texto, em seguida foi realizada a análise estrutural do texto. Cada grupo escolheu duas palavras escreveram no quadro e analisaram quanto à quantidade de letras, sílabas, letra inicial, sílaba inicial, final e medial e realizaram uma comparação entre as palavras.

Depois desse momento propomos atividades diversificadas para cada grupo. Assim organizamos do seguinte modo:

Grupo 1 - As crianças desse grupo receberam uma lista de palavras que foram lidas com a mediação da professora, em seguida as palavras da lista foram formadas com o alfabeto móvel (cada envelope continha apenas as letras que formavam aquela determinada palavra), as palavras foram identificadas no caça-palavras. Essa atividade permitiu entre outras coisas realizar a relação biunívoca, ampliar a compreensão de palavra gráfica, compreender que cada palavra é composta por determinado grupo de letras e que estas seguem uma ordem, para que a palavra seja lida atentar para os equivalentes sonoros das letras que formam as sílabas que compõem uma palavra.

Grupo 2 - As crianças desse grupo receberam dois envelopes, um contendo as palavras (mãe, tio, irmão, avô, pai, avó, família) escritas com todas as letras e o outro envelope continha as mesmas palavras de maneira lacunada (faltando letras). Os envelopes foram entregues em momentos distintos, receberam o envelope com as palavras lacunadas para que completassem a escrita de maneira colaborativa. Após esse momento as crianças abriram o segundo envelope para conferir e discutir as escritas. Objetivamos que as crianças compreendessem que as letras seguem uma ordem dentro das palavras, realizassem a relação fonema/grafema, observassem as diversas estruturas silábicas da nossa língua.

Grupo 3 - As crianças desse grupo receberam um envelope contendo palavras retiradas do texto, para que, a partir de uma escrita colaborativa escrevessem frases utilizando estas palavras. Assim, o grupo escreveu, revisou e reescreveu as frases com a

mediação de seus pares. Essa atividade foi importante compreender que a escrita exige um planejamento, além de compreender a função do espaço em branco entre as palavras, ampliar o conceito de palavra gráfica, observar que as palavras devem seguir uma ordem dentro da frase para que a mesma faça sentido, e também regular a escrita, por meio da mediação dos pares.

Grupo 4 - As crianças desse grupo receberam um envelope contendo o título e as estrofes da canção para que realizassem a leitura e organizassem o texto na sequência correta. Alguns versos estavam lacunados, para que o grupo escrevesse as palavras faltosas, para que assim as crianças desenvolvessem estratégias de leitura, identificassem a estrutura do gênero trabalhado, reconhecessem que uma estrofe é formada por um conjunto de versos, e que um conjunto de estrofes formam o texto, além de realizassem a leitura compartilhada e a escrita autônoma de palavras.

#### **4 Resultados e Discussão**

Os professores da educação básica estão imersos em grandes desafios. Não é diferente também para professores alfabetizadores, mas temos também grandes avanços e conquistas em nosso fazer pedagógico, que só tem sentido em uma aprendizagem satisfatória para todos os alunos.

Muitos professores optam por agrupar na sala de aula os alunos de diferentes formas possíveis e para atingir diversos objetivos de ensino-aprendizagem. É comum também no ciclo de alfabetização utilizar os grupos produtivos, em duplas, trios, ou mais alunos. Esse tipo de ação pedagógica facilita as trocas entre seus pares, a reflexão e a construção do conhecimento sobre a escrita alfabética.

A nossa intenção é trabalhar com temáticas pertinentes as crianças e ao contexto escolar para não se tornar algo distante e sem sentido para elas. Esse tem sido um ponto positivo adotado em nossa prática docente, pois provoca o interesse e o envolvimento das crianças nas aulas, principalmente, para a escolha dos textos. Nessa atividade relatada, a escola estava se preparando para receber a família na escola e todos estavam envolvidos em diversas atividades, desde danças, apresentações, estudos, atividades escolares, confecção de materiais, enfim, fazia parte da vivência dos alunos. A escolha por uma aprendizagem significativa é decisiva para o êxito escolar como nos aponta Colello (2004).

Todas as atividades que foram propostas aos grupos advêm do texto estudado coletivamente, não são palavras soltas, fora de contexto, portanto, carregam em si o significado comunicativo do texto estudado anteriormente. Optamos por atividades diversificadas para que pudéssemos atender as necessidades específicas de aprendizagem de cada aluno a respeito do SEA.

A escolha das atividades é fundamental para o desenvolvimento da escrita alfabética pelas crianças, devemos ficar atentos para além dos níveis de escrita, investigar as suas características de escrita, de entender como as crianças pensam sua escrita e de como estão construindo seus conhecimentos a esse respeito. Ferreiro (2011) nos instiga a adotar o ponto de vista da criança no desenvolvimento da leitura e da escrita. Muitos estudos já tenham nos ajudado a entender seus pensamentos, por isso temos que ficar atentos às nuances que a escrita da criança nos apresenta, pois é através dessa investigação cuidadosa que somos capazes de propor atividades significativas para elas. Nesse sentido, as atividades escolhidas visam estimular a reflexão pelas crianças sobre seus conhecimentos da linguagem escrita. Essas atividades não podem ser fáceis ao ponto de não lhe instigar nenhum desafio cognitivo e nem difícil demais que a desestimule de realizá-la. As escolhas das atividades resultam no sucesso da criança em sua evolução sobre a linguagem escrita, por isso se faz necessário o conhecimento da turma e de cada criança em particular, compreendendo que o nível de escrita que a criança se encontra nos diz pouco sobre seus conhecimentos.

Muitos daqueles que se propõem a aplicar as teorias de Piaget ou Emília Ferreiro em sala de aula, orientam a atividade para o nível em que o indivíduo se encontra, não considerando o seu potencial para a evolução. Na prática, o educador acaba por aprisionar o aluno em propostas de trabalho muito específicas e sem dificuldades que não necessariamente desequilibram as concepções já conquistadas. Colello (2004, p. 33)

Compreendemos, assim, que a principal contribuição de pensar atividades diversificadas no contexto da sala de aula é pensar e propor uma ação pedagógica que inclua a todos os alunos e favoreça a aprendizagem individual e satisfatória sobre o SEA

## **5 Considerações Finais**

Diante da apresentação do nosso trabalho com atividades diversificadas para a aquisição da escrita alfabética pelas crianças, concluímos que o olhar da professora para realizar uma avaliação diagnóstica vai além de pontuar a hipótese de escrita da criança, deve se ater a compreender como ela pensa sua escrita e como registra. É percebendo a escrita das crianças, o que elas já sabem sobre o SEA, o conhecimento que começam a consolidar e as suas inquietações e confrontos sobre a linguagem escrita, que somos capazes de propor atividades significativas e efetivas.

É possível superarmos o estigma dos altos índices de analfabetismo em nosso país, mas não existem fórmulas mágicas e nem metodologias milagrosas. O que queremos contribuir com esse relato é a necessidade de compreender: Para qual turma estou planejando e escolhendo as atividades? Quais são meus objetivos para aprendizagem de

cada aluno? É possível elaborar uma aula para uma turma diversa contribuindo efetivamente com as diferentes possibilidades de aprendizagem individuais?

Não temos a intenção de criar um modelo, até porque entendemos que não dá para replicar essa aula, nem por nós mesmas, e, possivelmente nem pela mesma turma dentro de pouco tempo. O planejamento das aulas é baseado pelas necessidades de aprendizagem das crianças, devo ter em mente que as turmas são complexas e diferentes umas das outras, e que mesmo em uma mesma turma, as características de escrita das crianças irão mudar, e, por isso serão necessários outros estímulos para que elas avancem em seus conhecimentos sobre a linguagem escrita.

## Referências

ALMEIDA, Mariangela Lima de. A prática pedagógica inclusiva: o ensino em multiníveis como possibilidade. In: ALMEIDA, Mariangela Lima de (org). **Diálogos sobre práticas pedagógicas inclusivas**. Curitiba: Appris, 2012, p.71-100.

COLELLO, Silva Matos Gasparim. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita Alfabético**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.